Anno I — OVAR, quinta-feira 4 de Março de 1909 — Numero 45

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,
Composição e impressão—IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

Imprensa

II

De não menores, mas bem diversos defeitos, enferma a imprensa das terras pequenas.

Nascida em geral da necessidade de defender um grupo politico, quantas vezes da de rebater insidias ou affirmações calumniosas, não póde, em face d'essas influencias morbidas sahir—em geral—um producto são.

Se defende uma ideia, um systema politico ou d'administração, o que é raro, bem está; quando, porém, outros intuitos a movem, não raro sae do campo legitimo e digno da opinião divergente e da discussão leal, para se abandalhar na apreciação pessoal poucas vezes justa e sempre suspeita e sobretudo lamentavel.

Usa o insulto que póde não sujar o insultado mas que salpica o insultador, cria odios, desce na escala da dignidade individual até á mentira ou á infamia e não beneficia ninguem e muito menos — a sua terra.

E' com prazer que nós temos sempre no grande diario ou no pequeno hebdomadario palavras de justiça e louvor a um seu adversario conhecido; é que isso revela nos um *caracter* que acima do seu orgulho, do seu amor proprio ou até do seu odio, põe a Justiça!

Transige? nunca! E' digno apenas, e isso já é muito.

*

Permittam-nos agora os collegas da imprensa local e a redacção d'este semanario a nossa apreciação pessoal.

Creio que se não magoarão; se lhes fôr desfavoravel não vêem n'isso certamente senão uma critica desapaixonada, ou antes uma palestra não diremos amena porque a não saberiamos amenisar por falta de habilidade, mas com aquella correcção que todos devemos ter e de todos podemos exigir.

Afinal mesmo o que nós queremos chamar á imprensa local é apenas *preguiçosa*.

Ora preguiçosa tem sido muita gente boa e creio mesmo que todos os que activamente trabalham na acquisição ou engrandecimento da sua fortuna pessoal, apenas pretendem poder ser um dia — preguiçosos. Aquelles que sendo ricos, continuam a trabalhar afadigosamente em proveito proprio querem fazer dos filhos uns preguiçosos; e os que não teem filhos e trabalham—e que são o peior argumento contra nós—fazem-n'o por *amor da arte*.

Mas tambem—e isto vinga-nos da pirraça que nos fazem de prejudicar a nossa theoria—não raras vezes são alcunhados de... tolos.

Ora a imprensa local é profundamente preguiçosa!!

Os jornaes e sobretudo—os correspondentes dos diarios de Lisboa e Porto.

Os jornaes sempre pejados de transcripções, annunciando a pedido as partidas e chegadas dos *nossos amigos e correligionarios*, o nascimento de *robustas, graciosas e intelligentes* creanças e quejandas coisas não manteem secções uteis e necessarias. Vae original de casa apenas nas vesperas d'eleições e nos numeros seguintes a ellas.

Não é isto verdade?

Mas peior e mais prejudicial á nossa terra é a attitude dos correspondentes.

Ao passo que de insignificantes terreolas se vêem continuas noticias e correspondencias, d'Ovar nem mesmo em casos d'interesse e importancia se vêem.

Querem exemplos?

Temol-a na propria obra que a todos actualmente empolga—a Misericordia.

Nem solicitadas por a commissão executiva o que já devia ser desnecessario, elles fazem propaganda. E todavia não lhes faltava noticias a dar.

Quantas pequenas coisas para nós—os que aqui vivemos—se nos afiguram insignificantes, que são longe lidas com avidez e alegria?!

Não devemos nunca esquecer-nos que longe, ás vezes muito longe, existem vareiros que mais do que nós—ouvis?—mais do que nós amam a sua terra e teem direito a d'ella receber noticias.

E se suppondes que não tendes *obrigação* de lhes satisfazer a vontade, então devolvei á redacção o vosso bilhete d'identidade e não vos intituleis jornalistas e correspondentes.

Sim, porque cremos que vós concordaes commigo quando affirmo que isto de ser correspondente d'um jornal não é só recebel-o gratuitamente e intitular-se como tal.

E se assim é, se concordaes, remi os vossos peccados; mas pelo ultimo conselho não fiqueis suppondo que é padre o articulista.

Fazei uma intensa propaganda em favor de tudo o que beneficie Ovar.

E para tranquillidade da minha consciencia não quero terminar sem dizer que sendo a preguiça a *regra geral* da imprensa d'Ovar, tem verdadeiras excepções.

Toribio.

A OBRIGA

Infamia

De Lisboa afirmam, pelo telegrafo, ter o governo o propozito de votar o *bill* pela ditadura.

Possivel ou não possivel de sancionada no parlamento, baste por ora o facto de a sancionar o governo—respeitando lhe a obra vil.

Ahi está. Secamente, nuamente, o que é a monarquia o telegrama elucida. Até aqui de palavras;—d'ora em deante de actos. Não sabemos se inda lembram, vae já para mais d'um ano e, entre nós, a memoria dos acontecimentos notaveis passa depressa nos animos...

João Franco escalou um dia o podêr, puxando pelas orelhas nos dedos robustos d'um rei já môrto.

Lá se instalou como poude, e um dia qualquer, empurrado pela mesma mão voluntarioza que o elevá a a ministro, rasgou a lei, pizou-a aos pés, difamou homems, afrontou e vexou partidos, cometeu violencias:—tornou-se calunia, foi intriga, foi corrução, foi a tirania.

Todos os homems monarquicos mas não Carlo-franquistas os encheu de lama, de oprobio, os crivou de invectivas, os seringou de galhofas. Ah! os velhos partidos hieraticos, de uma força toda convencional, atirou-os para o logar de tapete que as solas das botas roçam.

Era isso o menos,—mas praticou contra a Lei e contra o Direito todos os crimes que quiz! Então, sob a violencia do ultraje e querendo salvar a Lei, os partidos na sua mascara de legalistas esboçaram uns pruridos de rezistencia, deram-se a illuzão da energia, do travão que pára a roda sem fim. Chamaram os seus peões a Lisboa e, magnamente, reuniram. Progressistas e rejeneradores, cada agremiação por seu lado, foram uma especie de Parlamento. Discutiram o rei, discutiram Franco, rejeitaram, violentamente, toda a obra ditatorial. Houveram moções inequivocas, protestou-se alto, berrou-se.

Alguem nos disse: aquilo foi republicano, meu caro, querendo significar que havia sido firme, ouzada a rezolução dos monarquicos. Fosse como fosse, claramente foi pela anulação pura e simples de toda a obra da ditadura. Não foi só contra, comprometeu-se publica e unanimemente a revogal-a, a rasgal-a em pedaços atirando-a á cara dos tiranos, quando alcançado o podêr. Foi mais que notorio, foi patuado solenemente entre os partidos e a historia futura; celado o pacto pelo consenso e pelo querer de todos, chefes, marechaes, soldados! Todos os jornaes o disseram, todas as bocas o afiançaram n'um grande tom convencido.

Morreu o rei, fujiram os ditadores, e com o advento de jente nova—a dos velhos que tinham jurado a morte da ditadura—nem por isso a ditadura desapareceu. Ficou, pela unica maneira abjecta mas pessoal de existencia:—a sua obra na lejislação, nos empregos, nas obrigações, na vida comum portugueza.

Veio o ministerio de acalmação e no Parlamento nenhum partido monarquico propôz a revogação pura e simples das leis impostas em ditadura, nem progressistas, nem rejeneradores aceitaram a proposta, de Afonso Costa, de se castigarem os ditadores. Foi a primeira infamia politica, agravada com a indignidade de se não establecer em lei principio que, de então em deante, para o futuro evitasse o repetir-se uma ditadura. Agora, neste ministerio onde ha rejeneradores e ha progressistas, tem aceitação a baixeza de sêr sancionada e reconhecida a mizeravel, a vil doutrina franquista.

Nesta monarquia de adeantadores, de intrigantes, de vaidozos insignificantes, de lacaios do Paço, faltava só a mizeria desta retratação sem exemplo! Faltava só que os escarnecidos, os infamados, sem a mais ligeira noção de brio beijassem as botas grosseiras que, ás patadas, os perseguiram! Faltava só que traissem os compromissos, que esquecessem as suas justas promessas, que se negassem completamente—na circunstancia a mais seria a que homems devem cinjir se!... A monarquia de D. Manoel, os partidos monarquicos, que são governo, aprovam a obra da ditadura.

Os partidos juraram lhe destruição, o rei condenou-a publicamente; rei e partidos hoje acham-na boa e legitima, rei e partidos, sancionando-a, tacitamente a proclamam como conveniente e aceitavel;—perfilham-na, para a exercer amanhã.

Imoralidade?.. Não, é outra couza mais suja; é couza ainda mais desprezivel.

Para vergonha das vergonhas, para afronta das afrontas, nem um unico de todos os grupos monarquicos, o ano passado, no parlamento, pôz em termos firmes e serios a questão moral do castigo ao João Franco e auxiliares; e nenhum exijiu a dignificação civica de se anular todo o trabalho da ditadura. Todos apoiaram as violencias, necessarias contra esses criminozos de direito comum, todos de palavras e de apoiados, nenhum de voto leal. Ora isso que é imoral, preciza do fecho infame—a aprovação da obra ditatorial.

Propôl-a o governo, informam, para cá, as gazetas.

Pois bem, com todo o horror das frazes campanudas a que fujimos como da peste, nós, diremos que tal—maximamente, será a mór infamia da monarquia.

E para nossa maior tristeza veremos os homems agarrarem se áquilo, irem ao fundo n'aquela vaza feita de todas as escorrencias fetidas, sem que nenhum, n'um assomo de dignidade, n'um rompante de altivez e numa decisão de hombridade, faça a taes partidos e a tal sistema o jesto homerico e justo que fazem as imajens de S. Francisco.

De centenas de homems que foram ás assembleias jeraes de Lisboa, a flôr fina dos *homems bons* da provincia, uns timidamente a concordar, *in petto*, comnosco; outros caladinhos como ratos a saborearem o queijo que lhes vae cabendo em partilha.

E, fundamentalmente, em tudo isto é essa moral do conto, o que mais punje e mais custa.

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

Livre pensamento

Brilhante, a todos os titulos, foi a conferencia no Porto de Magalhães Lima sobre o congresso do livre pensamento. Farta concorrencia e calorozos aplauzos demonstraram, vizivelmente, que se a reação é poderoza é-o somente... da nossa inercia.

Pois é sacudir o torpor mortifero e acabar de vez com as contemplações deprimentes.

Irrevogavel o conflicto—para que o iludimos, sem boa fé e sem força? Pois não é melhor, e mais digno, aceitarmo-lo em toda sua extensão, combatendo-o ativamente?.. Ao menos livra-se a jente de narizes postiços arreliantes;—é o pão pão da lizura.

Guerra?

A anexação da Bosnia e da Herzegovina pela Austria tem enturvado os ares europeus com uma grande ameaça de guerra. E é contra a Austria que um pequeno mas destemido povo,—a Servia, se dispõe a lutar numa grande desproporção de força mas, ao mesmo tempo, numa bela e magnifica grande confiança na bravura propria, e nos seus predicados de sacrificio. Com todo o horror que a guerra hoje provoque nas creaturas sensatas não se deixa, porem, de admirar o alto patriotismo do pobre e pequeno servio defrontando-se, corajoza, mente, com o rico, o poderozo, o forte austriaco. Alto patriotismo que como lição a todos os povos, por todos deverá sêr vulgarizada, para que a conheçam como estimulo.

O parlamento

Abriu na passada segunda feira naturalmente para viver a curta vida das rozas, e a esteril má nota de certas pobres mulheres. Vae darnos o espectaculo de todo o sempre—estafada e velha repetição de intrigas, intresses mesquinhos, parcialismos mizeraveis, convencionalismos abjectos:—numa reles carencia

de sinceridade, de carater e de enerjia.

Tambem, dos 140 escolhidos a dedo pelo arguto do makavenko era o que faltava se algum mostrasse a espinhela direita!

4000 contos.

Novo emprestimo isto é nova divida que nos forçam a contrair. Para caminhos de ferro, dizem, é o emprestimo o que quando mais não seja é uma gracioza maneira de significar que em materia de l jeireza os 4000 contos se vão em fumo com a velocidade de um expresso. E depois com tantas dedicações á roda do novel trono os 4000 contos, mesmo, a nada chegam.

Dão só ás primeiras filas e, que demonio, é precizo reconhecer nas da retaguarda a mesma virtude que nos contemplados. De modo que os 4000 contos veem a pedir suplementos.

E' dár-lhe luzos fieis.

El gran problema

Para os patriotas da Arcada, e para os grandes homems do Terreiro do Paço o problema ha trez semanas é o numero de deputados que vae reunir o governo. E' certo que lhes falam em fome no Douro, e tambem lhes chegam ao ouv do certos prognosticadores com uns anuncios de *coizas*,.. mas tudo isso é muito vago, muito reles, mu to mesquinho, para prender-lhes uns minutos de atento exame. Nada; tudo se rezume ao tal cazo.

Quantos deputados tem o governo e quantos vão com o Vilhena?.. Ha ahi alguem no planeta que se atreva a rir da importancia d'essa operação aritmetica?...

Irmãos-unidos.

Já a paz do Senhor é com os homems do nacionalismo e da publica governação.

Estimamol-o, porque ele era para dar pena. Tão boas pessoas, tão bons tementes a Deus, tão escrupulozos catolicos dezavindos, a guerrearem-se como se um d'eles fosse o porco sujo do abismo!... Emfim, o amuo desfez-se, e a união, a amizade, celaram-se de novamente. Juntinhos vão agora á rude tarefa de salvarem altar e trono, e á certa, com taes escoras, tem para peras a corôa.

Edificante e para o bem estar da familia só falta que Alpoim e Teixeira de Souza tornem de novo ao aprisco. Todos juntinhos, todos leaes, pois porque não? Simplifica-se o processo de engulirem a hidra, muito indigesta para um, aos bocados, cabendo no ventre de todos eles.

A sinfonia da abertura

Tivemos de o lêr, que remedio, por encargo do tal oficio—este que, como as obras, é a maior desgraça da vida.

Oratoria sobria, prec za, firme—um exercicio de glossolalia que n nguem percebeu ouvindo-o, que ninguem adivinha lendo-o.

Quantos atentados, quantas naifadas ali sofridas pela e-folada gramatica e pelo infel z senso comum ..

O sapateiro que o redijiu t nha, de certo, no espirito aquilo que Eça de Queiroz via nas unhas dos nossos politicos, tal a chateza, a mizeria, a confuzão do papel que El rei com o seu ar de virjem teve de lêr até cabo.

Ah! aborridamente, na desgraça de ter de lêr o discurso sômos bem eguaes, nós os jornalistas, humilde jente, e os reis, os Filhos de Deus.

«A fraudulajem»

Já foi ha bons quinze dias—mas arquive-se, para o que dér e vier. Fraudulajem, com todas as letras, é a classificação dada pelo «Dario Popular» a todos os grupos e partidos que com D. Carlos serviram E' «fraudulajem» o que fez adeantamentos, o que governou em d tadura, o que subscreveu e votou leis nepotistas e de engrandecimento d corôa. Em suma é «fraudulajem» o progressista, o rejenerador, o franquista: - todos os homems da monarquia. Salva-se um unico, Julio de Vilhena, ninguem na politica, o por muito favor, porta estandarte do pendão da camara de Ferreira. Se algum republicano tratasse os adversarios tão duramente o nome feio, minimo, que iam chamar lhe, era:—o fac ozo violento.

Como é um monarquico e chefe de partido tem especial importancia a confissão interessante. Esperamos agora que o mesmo «Diario Popular» a esses que apelida de «fraudulajem» os eleve ao altar da virtude, da dignidade e da pureza.

Questão de dias—apenas...

10 %

O Banco de Portugal teve de lucros no ano findo 2.858:555$42 réis.

Deu aos acionistas o dividendo de 10 %, e rezervou para 1909 um saldo de 1:705$900 réis. Fez pois o Banco o ano passado o que uzualmente se chama:—um negocio da China; deu os lucros de uma percentajem soberba. Ora o ano economico foi pessimo, as transações em quantidade e em numerario sofreram baixa sensivel, e com todos esses motivos de prejuizo consegue o estabelecimento emissôr atravessar o máo ano em plena e extranha prosperidade!

Seria para felicital-o deveras se a fortuna do Banco correspondesse ao desafogo das nossas praças, — mas não é d'ahi que lhe v eram os lucros. Os 10 % de dividendo são a elevação da taxa de juros, são as mil dificuldades creadas ao comercio, á industria, á agr cultura. Para que o nosso estabelecimento de credito regulador fechasse com 10 % de dividendos o movimento do ano, sentiram-lhe as consequencias muito comerciante, muito industrial, muito lavrador. A procedencia dos 10 % embora na mão dos acionistas não reprezenta senão o sacrificio, a de zoladora diferença dos que ao Banco de Portugal pagaram um ano pessimo como se fora o melhor do mundo.

E para cazos d'esses é que Proudhon uzava d'uns certos termos de que a finança, abuza e uza, mormente em pa zes, como o nosso, desgraçadamente á mercê de plutocratas de varias linguas, mestres na arte do grande padre Vieira, a escrita, é bem de entender.

Omissões

Esqueceu-se D. Manoel, no discurso da corôa que recitou, de meter uns al nhavos de caza em afirmações e relatos seus. Foi pena, porque ninguem mais competente que El-rei para historiar os misterios dos bastidores nestes ultimos mezes passados, e havia de sêr curiozissima a revelação da crize que estatelou o alegre do makavenko. Tambem sobre a dissolução das côrtes—eminente (?) que pena não sabermos, por real indicação, a quem virá a caber!

E sobre as conferencias com todos os chefes monarquicos,—tambem, que esquecimento arreliadôr, nem, ao menos, lhes dedicar um capitulo!

Ah! A homilia com toda a sua extensão de medir ao metro, trocou o melhor e o mais bonito, por indejeriveis inutilidades que ninguem quer por dez réis. Pois hav a, para um discurso da corôa—materia prima soberba!...

ARA

AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas,
azas que um anjo me deu,
que, em me eu cansando da terra,
batia-as, voava ao ceo.
—Eram brancas, brancas, brancas,
como o anjo que m'as deu:
eu inocente como elas,
por isso voava ao ceo.

Veio a cubiça da terra,
vinha para me tentar;
por seus montes de tezouros
minhas azas não quiz dar.
Veio a ambição, co'as grandezas,
vinham para m'as cortar,
davam-me poder e gloria;
por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
azas que um anjo me deu,
em me eu cansando da terra,
batia-as, voava ao ceo.

Mas uma noite sem lua
que eu contemplava as estrelas,
e já suspenso da terra
ia voar para elas,
—deixei descair os olhos
do ceo alto e das estrelas...
Vi entre a nevoa da terra,
outra luz mais bela que elas.

E as minhas azas brancas
azas que um anjo me deu.
para a terra me pezavam,
já não se erguiam ao ceo.

Cegou-me essa luz funesta
de infeitiçados amores...
Fatal amôr, negra hora
foi aquela hora de dores!
Tudo perdi n'essa hora
que provei nos seus amores
o doce fel do deleite,
o acre prazer das dôres.

E as minhas azas brancas,
azas que um anjo me deu,
pena a pena me caíram...
Nunca mais voei ao ceo.

Almeida Garret.

Os estatutos da Mizericordia

Como esperavamos prevaleceu a doutrina justa e util e se a alguem damos os parabens não é meramente aos homems, é propriamente á Mizericordia. Na sessão de 24 de fevereiro inc ou a comissão o estudo dos estatutos establecendo a sua remodelação dentro das propostas aprezentadas á votação e por ellas expressamente foi reconhecido, aceite e determinado aquilo que unicamente podia e devia sêr. A doutrina das propostas dos drs. Fragateiro, Chaves e José d'Almeida é verdadeiramente a unica que sensatamente ha a escolher.

Satisfeitos os nossos votos pelos pareceres aprovados passamos a publical-os:

Proposta do Ex.mo Snr. dr. Fragateiro:

ARTIGO I

A Mizericordia d'Ovar é uma associação humanitaria cujo fim é a beneficencia. Satisfaz esse fim, dando subsid o aos doentes, azylo aos velhos invalidos, amparo ás creanças abandonadas e instrucção aos ignorantes, tendo apenas em vista o estado de pobreza e o comportamento dos beneficiados.

§ 1.º A Mizericordia subsidiará o funeral das pessoas que fallecerem nos seus estabelecimentos e dos associados pobres.

Que os §§ 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º do projecto passem respectivamente para §§ 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º do artigo.

Que no artigo 2.º se substitua a palavra «Irmandade» por «Mizericordia».

Que no artigo 3.º egualmente se substitua a palavra «Irmandade» por «Mizericordia» e que no mesmo artigo se eliminem as palavras «rendimento do prato».

Justificada com os argumentos que o auctor entendeu dever adduzir foi a proposta lida na meza, ficando em discussão com o artigo.

Sobre ella pediu a palavra o ex.mo dr. Chaves que, depois de uma larga exposição, concluiu por declarar que discordava em parte da proposta apresentada e por isso mandava para a meza a seguinte:

Considerando que a *caridade* não é apanagio exclusivo de qualquer religião e portanto da christã:

Considerando que se esta a prégou como virtude e a recommendou aos seus proselytos prestando-lhe assim um auxilio valiosissimo n'esses tempos, não é menos certo que hoje, felizmente, a *caridade* constitue por si só a religião mais universal, tornando-se portanto desnecessario que qualquer outra lhe preste o seu appoio:

Considerando que hoje os devotos da *caridade* não necessitam, para a exercer, de incentivos religiosos ou de promessas de recompensas certas ou problematicas, visto que, vendo na propria *caridade* a maior razão da sua existencia, veem na satisfação da consciencia propria o maior e melhor galardão dos seus serviços:

Considerando que para aquelles que não exercem a *caridade* pelo que ella tem de bello mas apenas com o attributo da sua vaidade, tambem nada influem os principios religiosos:

Considerando que nós devemos congregar n'esta associação todos os esforços sem curar de saber qual o espirito que os dicta mas apenas se elles produzem ou entravam os rezultados desejados e assim devemos n'ella admittir egualmente catholicos e acatholicos, sem transigir com falsas religiosidades; Mas

Attendendo a que antes de tudo, nós devemos garantir a viabilidade da associação pela satisfação dos desejos do maior numero sem incompatibilizar as minorias;

Attendendo a que a creação da associação sob a forma de Mizericordia traz vantagens pela reciprocidade de serviços que ha entre todas as espalhadas pelo paiz e pelas garantias que gozam, emquanto, por outro lado, creio que a Mizericordia não póde fundar-se sem caracter mais ou menos pio;

Attendendo a que as disposições o presente projecto de estatutos tranquillizam os acatholicos e os que, acima dos preconceitos religiosos põe a liberdade da sua consciencia para discernir esses preconceitos que devemos pôr de parte dos pre-

---

(2) **FOLHETIM**

Camilo Castelo Branco

A Brazileira de Prazins

Passado tempo, Marta saiu pronta da mestra. Lia a cartilha de Salamondi e o *Grito das Almas*, decifrava menos mal umas sentenças velhas que havia na casa de Prazins, monumentos das ruinas de antigas demandas, e escrevia regularmente.

A primeira carta que escreveu por pauta foi para o tio de Pernambuco, o tio Feliciano. Pedia-lhe a sua benção e duas moedas d'ouro para umas arrecadas. Era o pae que lhe ditava a carta, cheia de lastimas mendigas, mentirozas, historietas velhacas de penhoras, as grandes decimas, a ferrugem das oliveiras, o bicho da batata o gorgulho que lhe pegára no milho, muitas alicantinas.

—Que era a vêr se o ladrão mandava alguma cousa, dizia ele, pondo cuspo na obreia vermelha para fechar a carta.

A segunda carta que ella escreveu já sem pauta foi a José Dias, ao estudante, que já não estudava por causa das memorias nocivas á sua saude fraca, um pelém.

Neste tempo já o Zeferino da Camela se tinha declarado com o Simeão de Prazins, de um modo quase orijinal.

—Você quanto deve, ó tio Simeão?—perguntou.

—Quanto devo? Você quer pagar-me as dividas?

—Póde sêr. Você deve á irmandade de N. Senhora de Negrelos um conto e cem mil réis; você deve de tornas a seu irmão quatrocentos. Hade andar lá para um conto e quinhentos, pra riba que não pra baixo.

—E' isso; você sabe a minha vida melhor que eu a sua—um conto e quinhentos e pico.

—Quanto é o pico?

—Obra de dez moedas, mais pinto, menos pinto. Miudezas na loja ao mercador e um réstito da vaca amarela que comprei ao Tarracha na feira dos 13.

—Você quer fazer um cambalacho?—tornou o pedreiro recuando o chapeu para a nuca e pondo-lhe as mãos espalmadas com força nos hombros.

—Se pintar... Já sei o que você quer... Não me serve. Você quer comprar-me o lameiro da azenha—não vendo.

—Eu ainda não lhe disse o que queria, tio Simeão. O he bem para mim. Você está a falar c'um home. Pago-lhe as dividas, você não fica a dever nada, e eu cazo com a sua Marta. Pode dar os bens ao outro filho que eu não lhe quero uma de X.

—Você fala serio, ó sôr Zeferino?

—Se falo serio?! Então você não sabe com quem trata.

—Ora bem—entendamo nos—é a rapariga que você quer, a rapariga estrema, sem dote nem escritura?

—Eu não tenho senão uma palavra, já lhe disse que sim.

—A rapariga é sua.

Negociara a filha com o Zeferino como tinha negociado com o Tarracha a vaca amarela na feira dos 13.

Eis um caso exquizito de aldea que pela torpeza parece acontecido numa cidade culta. Conversou-se este dialogo debaixo de um castanheiro frondoso, com um pavilhão de folhagem gorjeado de passaros, com uns tons de luz esverdeada, na doce placidez crepuscular de uma tarde de agosto, entre dois homems de tamancos, arremangados, com os peitos cabeludos a negrejar dentre os peitilhos da camiza surrada de suor e poeira, brutos no jesto e na frase.

Analogas passajens, com estilo pouco melhor, tem sido dramatizadas nas sa as, entre homems de melhor polpa e casca social—uns que mandaram ensinar ás filhas os verbos francezes e são assinantes do *Jornal das Damas* que marca ás mennas a bal za até onde pode chegar o arrojo da lingua franceza e os seus mais avançados destinos. Da outra parte, homems ricos, de figado engorj tado, fatigados, sedentos de senhoras finas que ponham no luxo das suas salas os tons vivos da carne constelada de diamantes.

E o epilogo de vinte anos de lavra dura, o *substratum* da compra de negras a milhares.—comprar uma branca, das que o amôr pobre e o talento esteril não podem negociar.

O contrato feito em Prazins—eis a diferença—por parte do pedreiro era um heroismo: dava o seu dinheiro por aquela mulher; daria mais depressa o seu sangue. Era uma paixão das que não pegam com os dentes anavalhados em corações civilisados, quase desfeitos. Ora, os pedreiros que veem d'alem mar, e se vestiram no Pool ou no Keil, não amam nem compram assim. Fazem o dote economico, comezinho á esposa. Compram uma maquina de propagação, condicionalmente. Se extinto o comprador, a maquina, não deteriorada, tiver pretendente, o substituto que a compre. O defunto prefere que a sua viuva, adelgaçada e espiritualizada por jejuns, lhe converse com a alma.

ceitos que devemos ou podemos observar porque

I não exigem a filiação em qualquer seita religiosa para poder ser irmão;

II porque não impõem a qualquer irmão como obrigação a mais pequena pratica religiosa;

III porque garantem que a Beneficencia nunca será supplantada pela piedade distinguindo e limitando-lhe os orçamentos, e nada nos impede de lhe introduzir todas as disposições necessarias para tranquillisar todos os receios;

IV porque não privam os associados acatholicos de todas as regalias e privilegios dos outros;

V porque limitando a piedade á consagração aos mortos que todos —mesmo os atheus—veneram e respeitam, tornam compativel a associação com os irreligiosos que d'essa consagração podem separar as praticas religiosas do fim principal que é a homenagem aos que, tendo-nos auxiliado em vida, nunca mais voltam;

Attendendo a que a maioria do povo de Ovar deseja a fórma pia e, estabelecida ella, nada impede que mudando o seu pensar, se mude a fórma da associação:

PROPONHO:

1.° Que se dê á associação a fundar a fórma pia.

2.° Que o art. 1.° seja assim redigido:

«A Mizericordia d'Ovar é uma associação humanitaria, sob a fórma pia, cujo fim é:

1.° ministrar soccorros aos pobres quando enfermos no seu hospital ou domicilio;

2.° protecção á infancia desvalida, ministrando educação e instrucção em asylos apropriados:

3.° protecção aos pobres invalidos em estabelecimentos a esse fim destinados;

4.° qualquer outra beneficencia que as necessidades locaes venham a sugerir e que os recursos da associação permitam.

A parte cultual da associação será sómente destinada ao tributo de respeito e consideração aos mortos.

§ 1.° Proverá a Mizericordia de harmonia com os seus recursos aos varios ramos da beneficencia pela ordem acima indicada a qual só poderá ser alterada, sob proposta da meza administrativa, por deliberação expressa da assembleia geral extraordinariamente convocada para esse fim, ou quando legados ou donativos o imponham.

N'este caso se o seu rendimento fôr sufficiente para a sustentação do beneficio a Mizericordia procurará desde logo, prestal-o; se o rendimento não chegar aguardar-se ha occasião opportuna sem prejuizo da ordem indicada n'este artigo, salvo se o legado ou donativo vier com clausula de tempo, pois n'esse caso a assembleia geral decidirá se convem ou não alterar essa ordem, attendendo á sua importancia, fins e condições economicas da associação.

§ 2.° Os soccorros da associação são para o actual concelho de Ovar e para as freguezias que porventura venham annexar-se-lhe se não tiverem Mizericordia privativa, ou tendo-a, a não incorporem na de Ovar.

§ 3.° Será o 4.° do projecto com a seguinte modificação: accrescentar á palavra Ovar—«e bem assim os das freguezias que, apesar de pertencerem ao concelho venham a ter estabelecimentos de beneficencia exclusivo, independente d'esta Misericordia»; e no final se accrescente «e quando elles tenham estabelecimento independente e exclusivo ficarão sem os soccorros da Misericordia tão sómente no ramo da Beneficencia a que esse estabelecimento proveja».

§ 4.° Será o 5.° do projecto tal como se acha redigido.

3.° Que opportunamente se harmonisem com este todos os artigos que com elle joguem.

4.° Que esta proposta se transcreva na acta afim de constar sempre qual o espirito que presidiu a esta assembleia ao votar a fórma pia, embora mesmo como parte secundaria da associação.

Postas em discussão conjunctamente as duas propostas sobre ella usaram da palavra por vezes os drs. Fragateiro, Chaves e José de Almeida, sustentando os dois primeiros a suas respectivas propostas e declarando o terceiro que era necessario additar a proposta do dr. Fragateiro. E defendendo essa necessidade apresentou o seguinte additamento:

«Proponho que em seguida á palavra *beneficencia* do artigo 1.° da proposta do dr. Fragateiro se addicione as palavras *e o culto aos mortos*. Este additamento foi acceite pelo auctor da proposta o qual declarou, que d'ella retirava o § 1.° conservando-se por isso a ordem que os §§ tinham no projecto mas com as alterações já apresentadas».

POLVORA SÊCA

«As fadigas, as prizões, os ferimentos, a morte, eu os experimentei em abundancia. Cinco vezes os judeus me aplicaram os seus trinta e nove açoites de cordas; trez vezes fui bastonado; uma lapidado; naufraguei trez vezes; passei um dia e uma noite no abismo. Viagens sem numero, perigos á passajem dos rios; perigos de ladrões, perigos da raça de Israel, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos, tudo isso eu conheci. Fadigas, trabalhos, vijilias repetidas, fome, sede, jejuns prolongados, frio, nudez, nisto se rezume a minha vida».

E' simplesmente admiravel este vivo, sobrio e incizivo escrever, e não lhe dou novidade, meu caro missionario, em lhe dizer que isto é de S. Paulo, o grande apostolo das jentes. Como você sabe o iluminado de Tarso não exajera, tudo isso sofreu na sua longa, penoza e extraordinaria peregrinação, e se em muitos dos confrades de você cá no continente a evocação dessa primacial figura nenhum efeito produz, comsigo, diversamente, impressional-o-ha, dada a sua situação trabalhoza de missionario dos jentios. E' certo que d'aonde você me escreve não se corre o risco dos máos tratos, e felizmente o reconheço, pois não lhe desejo, nimiamente, as palmas e louros do martirio. Onde quererá abordar—vejo d'aqui e què pergunta?

Meu caro, a um reparo da carta que me enviou, tão amavelmente magoada e tão benevolente, na opinião que expressa dos meus demeritos. Mas veja. Entrámos agora na quaresma, a epoca das bulas e dos jejuns, e lembrou-me para castigar a minha impiedade lêr alguns livros santos e a biografia de alguns apostolos; modalidade relijioza de quem não aceita a que oficialmente é prescrita. Admiraveis são algumas passajens dos evanjelhos, e traços ha de Jezus inesqueciveis de sublimidade e verdade. Maravilhozas são certas noticias e factos dos apostolos: Barnabé, Pedro, Paulo, deixaram tambem no mundo estradas de luz que jamais se apagam. Duplamente feliz o reconheço, e ahi tem a minha parcialidade setarista que tanto lhe dóe, reduzida ao estado de lenda. Mas as bulas, os jejuns!... Seja esclarecidamente sincero e diga-me, confidencialmente, depois, se eu condenando os actos de agora sou realmente um setario. S. Paulo, você sabe ao tempo que pregava a *boa nova* a todo o mundo romano, vivia modestamente da sua arte mecanica de fabricante de tapetes.

Fundou Egrejas, verdadeiramente tornou mundial um sistema relijiozo, e esse extraordinario homem de fogoza, audaz e arrebatada paixão, nunca aceitou dos fieis moeda, vestuario, alimentos. Afirmava «quem não trabalha não tem direito á alimentação» e, independente, vivia do seu trabalho material associando-o, toda a vida, á atividade do espirito:—e que atividade, — a mais porfioza, a mais fecunda que nunca houve! Passam os seculos e o clero, continuador de Paulo, existe pela ociozidade do culto que lhe dá a capitação dos povos, d'onde lhe vem comoda e, até ás vezes, rendoza a pozição.

Objectar-me ha que o clero hade sustental-o o povo no logar em que o deve têr, e d'acordo em que os crentes se constituam o encargo da existencia dos seus Padres nas condições exijiveis socialmente.

De acordo, mas temos nós as bulas, veja você os jejuns...

São superstição e da mais grosseira, dôlo e do mais indigno.

Comparadamente, são ainda pura relijiozidade idealista as praticas fetichistas dos negros que você evanjeliza; creia que o sacrificio do Papua tem mais nobreza e mais verdade que a simonia das bulas. Não vá ofender-se, o que emprego não é o termo exato; não, que as leis do meu paiz podem levar-me á cadeia pelo facto de dar ás couzas o seu autentico nome. As bulas, os jejuns, com tantas outras couzas feiamente humanas que a Egreja tem, eis o que, meu amigo, afasta d'ela as naturezas delicadas e as consciencias enerjicas e cultas. Limitada á moral de Jezus e ás epistolas de Paulo podia viver, viveria mesmo sem concitar a ironia, o desdem, o descredito com que os homens hoje lhe pagam o seu abastardamento vizivel e destituido de simpatia. Olhe que isto não é a paixão de seita, são os factos; e elles dão-me razão.

Você anda ahi pregando, ensinando, mesmo um tanto civilizando, e se, pessoalmente, a sua faina é bela, veja que tarde ou cedo lha desvirtuarão totalmente. Porque um dia ou outro á sua Aenda da Ilha ou do *interland* hão-de chegar os bentinhos, os rozarios, as bulas, etc. etc.

Você ou outro vendel-as ha, apurará nisso o produto do trabalho estranho, e esse suor e sangue do neofito virão á Europa tornar-se a pompa, a ociozidade o esplendor do magnate catolico.

E, talvez sem o querer, terá sido o meu amigo o semeador de um campo de exploração indigna;—verdadeira gleba de escravidão.

Ahi tem, ahi tem você, o que entristece uns, a outros revolta, e a todos leva o fermento da descrença, do desprezo. Emfim,—máo foi S. Paulo sêr o que foi, o que ele nos diz de si proprio; e máo tem sido os seus sucessores, visto não o poderem imitar, ao menos, não conseguirem aspar da historia os seus «Actos».

Ia-me alargando. Por aqui fiquemos, e você disponha da estima d'este seu compatriota e seu venerador

Minusculus.

CHRONICA AGRICOLA

XXXI

Terras — estrume de curral

Continuando a examinar o estrume de curral preciso dizer que para o calculo com que finalizei a chronica presente, eu dei ao estrume a percentagem de 5 kilos de potassa por cada 1:000 kilos de estrume ou seja mais d'um carro (cada carro dos nossos leva um maximo de 900 kilos). Devo hoje explicar que para elle ter essa percentagem que poucas vezes excede não indo nunca além de 6 : 1.000, é necessario ter com elle os maiores cuidados, coisa que infelizmente em Ovar poucos fazem.

O estrume de curral quando bem conservado tem além de potassa, 4 a 5 kilos d'azote, 3 d'acido phosphorico e 4 de cal, sendo para notar que este ultimo elemento é o que n'elle entra em dóses mais variaveis.

Vê-se, pois, que é um adubo completo por possuir todos os elementos necessarios.

Vamos vêr os seus inconvenientes.

O primeiro, já apontado é o de nunca o haver em quantidade sufficiente; além d'isso é de morosa applicação e se o effeito é duradouro, é demorada a sua assimilação por as plantas.

Por outro lado as percentagens são constantes aos differentes elementos ou pequenas variantes soffrem e ha plantas que preferem só um d'esses elementos, isto é, que d'elle precisam em quantidade muito maior; é a isso que se chama *predominante cultural*.

Como ha-de o estrume de curral satisfazer essas exigencias especiaes?

Mas o peior é quando o adubo vae ainda prejudicar em vez de beneficiar.

E isso dá-se. Por exemplo: a beterraba, o nabo, a batata, a cenoura, etc., cultivam-se para aproveitamento de raiz ou de parte d'ella; está averiguado que ellas necessitam multissima potassa e que o azote em excesso faz desenvolver muito as suas folhas diminuindo o volume das raizes ou tuberculos. Se os quizermos cultivar n'um terreno já rico d'azote, para lhes dar a potassa precisa em estrume de curral, temos de lhe dar tambem muito azote visto que o não podemos separar. Póde pois, haver excesso d'azóte, o que nos prejudica a colheita, fazendo desenvolver a parte folear em prejuizo da raiz pela qual nós cultivavamos essa planta.

Tambem o estrume não serve para planta que necessite rapidamente dos elementos nutritivos como os trigos chamados *de primavera* que se semeiam na 2.ª quinzena de março para se colher quando os outros—em junho.

E' certo que podemos estrumar a terra com a antecipação necessaria, mas como as nossas terras estão *constantemente* em producção, para fazer a estrumação antecipada perde-se uma colheita. E nem assim bastaria a dóse já assimilavel d'elementos nutritivos, que então existisse no terreno.

Eu não quero pôr de parte o estrume que julgo o adubo mais completo; mas muito menos quero que elle seja o *unico* empregado.

E' o mais caro, e d'effeitos mais demorados, de mais difficil e menos economica applicação e de maior transporte; se, porém, se *completar* com os adubos chimicos que corrijam as suas faltas e defeitos e que o adaptem a todos os terrenos e culturas será isso o melhor.

E' o que se chama *adubação mixta* que eu considero na maioria dos casos a adubação ideal por ser a de melhor producção, a mais racional e economica.

Mas o estrume que por ahi se emprega não vale nada por não ser bem conservado.

Tirado do curral elle é posto em pilha ao sol e á chuva; esta lava-o do que se chama vulgarmente—*sugo*, cuja efficacia é bem conhecida por os menos lidos e praticos em assumptos agricolas e que é devido á quantidade d'elementos nutritivos que contém.

E' vulgar vêl-o escorrer para fóra da pilha; ora sahindo elle, diminue a quantidade d'elementos que o estrume continha.

Por outro lado o sol evapora o azote nitrico e mesmo o ammoniacal em que o organico se vae transformando como mais tarde veremos, e evapora a humidade que o estrume contém e com ella tambem um pouco d'esses elementos o que é prejudicial como é tambem a falta de humidade só por si porque o estrume precisa d'ella para se compôr.

Para se avaliar os prejuizos basta dizer que o estrume que bem conservado tem como já disse—em média—4 a 5 kilos d'azote, 5 de potassa, 3 d'acido phosphorico e 2 a 4 de cal, tem, quando conservado como por ahi se usa, o maximo de 1 a 2 kilos d'azote, 2 de potassa, 2 d'acido phosphorico e 2 de cal por cada mil kilos.

Quer dizer: *vale metade*.

Quem faz boa colheita deitando *4 carros* d'estrume mal conservado n'um alqueire de semeadura, terá a *mesma colheita deitando apenas 2 carros do bem conservado*.

E se elle estiver muito tempo ao sol e á chuva ainda com estes 2 carros fica *muito melhor* do que com os outros 4.

Para não alongar mais esta chronica nas immediatas continuarei.

* * *

NOTICIARIO

Dia a dia

Fazem annos:

No dia 15 o estudioso academico Antonio Gonçalves Santhiago.

E no dia 16 o nosso estimado amigo José Augusto Pinto do Amaral.

Cordeaes felicitações.

—Está completamente restabelecido dos seus incommodos, o que estimamos, o sr. Antonio Maria Gonçalves Santhiago.

—Acompanhado de suas dedicadas filhas esteve na ultima semana n'esta villa, onde veio de visita, o sr. Manuel Rodrigues Pepulim, conceituado industrial em Lisboa.

—Tambem cumprimentamos ha dias entre nós o nosso bom amigo Arnaldo Duarte Silva.

—De regresso da Bahia, chegou a esta villa na preterita semana o nosso conterraneo Frederico dos Santos Lima.

Procissão dos Terceiros

Se o tempo o permittir, realisa-se no proximo domingo com o costumado cerimonial, a magestosa procissão de Cinza da Ordem Terceira de S. Francisco d'esta villa, a qual deve sair da egreja parochial pelas 3 horas da tarde.

Mizericordia d'Ovar

A commissão executiva, para a fundação da Mizericordia d'Ovar, agradece penhoradissima os serviços que lhe foram prestados pela troupe de amadores dramaticos, pelas duas philarmonicas d'esta villa e por todos os cavalheiros que a auxiliaram na fiscalisação e demais serviços nos espectaculos realisados em 21 e 23 do corrente, para a fundação da mesma Mizericordia.

O Presidente,

José Luciano Correia de Bastos Pina.

*

A commissão executiva, para a fundação de uma Mizericordia em Ovar, tem a honra de convidar as ex.mas damas d'esta villa e concelho a reunirem-se no theatro d'esta mesma villa no dia 14 de março proximo, pelas 3 horas da tarde, afim de se constituirem em commissão para a auxiliarem nos trabalhos de fundação da mesma Mizericordia.

O Presidente,

José Luciano Correia de Bastos Pina.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

A familia do fallec do Antonio Pinto dos Santos, sumamente penhorada para com todas as pessoas que se dignaram cumprimental a por occasião do fallecimento do mesmo, bem como para com aquelles que se dignaram acompanhal-o á sua ultima jazida, a todas protesta o seu eterno agradecimento.

Anna do Espirito Santo
P.e Antonio Simfins Pinto dos Santos
José Pinto dos Santos
Maria José do Espirito Santo
João d'Oliveira Vinagre
Manoel Maria d'Oliveira Vinagre
José Maria Pereira d'Almeida.

Commissão de recenseamento militar

A commissão faz publico que, em harmonia com o art.° 30.° do Regulamento dos serviços do recrutamento, estará patente até ao dia 15 do mez corrente, em poder do seu secretario, o livro do recenseamento, todos os dias, excepto os santificados, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, afim de ser examinado por todas as pessoas que o quizerem fazer.

E para constar se mandou affixar o presente edital, e outros de egual theor, nos logares publicos do costume.

Sala da commissão, em 1 de março de 1909.

O Presidente,

Joaquim Soares Pinto.

ANTIGA OURIVESARIA
DE
PLACIDO O. RAMOS

José Placido Ramos participa ao publico em geral, que acaba de chegar ao seu estabelecimento, um novo sortido de estojos em prata, proprios para brindes, taes como: cigarreiras, fosforeiras, copos para leite, talheres para creança, escovas de unhas e de dentes, dedaes, paliteiros, cinzeiros, argolas para guardanapos, etc., etc.

INDICAÇOES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 5$510 a 5$540 réis.

Valor da libra, papel, de 5$470 a 5$500 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—% Londres, valor da libra, 15$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 43 5/8—5$500 réis.

Cada 100$000 réis brazileiros, a esta taxa, produzem 34$965 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade,	15 kilos.	1$450	réis
» 2.ª »	15 »	1$400	»

BAIRRADA

» 1.ª qual.,	15 kilos.	1$350	»
» 2.ª » ,	15 »	1$300	»
» 3.ª » ,	15 »	1$250	»
Batatas, 15 kilos		400	»
Centeio, 20 litros		820	»
Fava, 20 litros		750	»
Farinha de milho, 20 litros		840	»
» trigo, 1.ª qual. kilo.		103	»
» » 2.ª » »		93	»
» cabecinha »		62	»
» semea superfina. »		40	»
» » grossa		38	»
Feijão vermelho, 20 litros		1$200	»
» branco, 20 »		1$160	»
» mistura, 20 »		900	»
Milho branco, 20 »		820	»
» amarello, 20 »		760	»
Ovos, duzia		200	»
Tremoço, 20 litros.		380	»
Azeite, 1.ª qual. litro.		280	»
» 2.ª » »		250	»
» 3.ª » »		230	»
Alcool puro, 26 litros.		6$800	»
Aguardente de vinho, 26 litros.		3$640	»
» bagaceira, 26 litros.		3$120	»
» figo, 26 litros		2$100	»
Geropiga fina, 26 litros		2$080	»
» baixa, 26 »		1$430	»
Vinho tinto, 26 litros.		800	»
» branco, 20 »		900	»
» verde, 26 »		900	»
Vinagre tinto, 26 »		700	»
» branco, 26 »		900	»

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	26:297$300 réis
Companha do Soccorro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	16:662$055 »
Companha S. José — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	14:487$675 »
Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	12:272$325 »
Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908	7:388$835 »

NOS CAMPOS

Rendimento de . . .

Matadouro

No mez de . . . . . .

Rezes abatidas para o consumo:

.... Bois, com o pezo de .... kilos

.... Vitelas, » » » » .... »

.... Porcos, » » » » .... »

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o **Norte** pelo comboio das 6 23 da manha e 6,23 da tarde e para o **Sul** pelo das 7,52 da manha e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2:000 (gr cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis

Cada 50 gr. mais ou fracção 5 »

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. . . . . 50 réis

» cada 20 gr. ou fracção . 30 »

Bilhetes postaes: cada . . . 20 »

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção . . . . . 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção . . . . 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20$000 réis ou fracção.

Encommendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros. — Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5$000 réis ou fracção. Limite 500$000 réis, 200$000 réis, 100$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sédes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emittidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1$000 réis até	10$000 réis.	10	
» 10$001 » »	50$000 » .	20	
» 50$001 » »	100$000 » .	30	
» 100$001 » »	250$000 » .	50	
Cada 250$000 réis a mais ou fracção.		50	
Valor não conhecido ou declarado.		500	
Cheques ao portador		20	

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1$000 réis até	20$000 réis.	20	
» 20$001 » »	50$000 » .	50	
» 50$001 » »	250$000 » .	100	
Cada 250$000 réis a mais ou fracção.		100	

A mais de 8 dias de praso

De 1$000 réis até	20$000 réis.	20	
» 20$001 » »	40$000 » .	40	
» 40$001 » »	60$000 » .	60	
» 60$001 » »	80$000 » .	80	
» 80$001 » »	100$000 » .	100	
Cada 100$000 réis a mais ou fracção.		100	

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1$000 réis até	20$000 réis.	20	
» 20$001 » »	100$000 » .	100	
Cada 100$000 réis a mais ou fracção.		100	

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna.. ..	4	Badaladas
Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores....	5	»
Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta ...	6	»
Bairro d'Arruella até á Poça.....	7	»
Ruas do Bajunco—S Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Bispo...	8	
Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral	9	»
Estação e Pellames.	10	»
S. João—Cima de Villa e logares visinhos.....	11	Badaladas
Ribeira.....	12	»
Assões—Granja e Guilhovae.....	13	»
Furadouro.....	14	»

Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pinto Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnisadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespañol».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, **Moagem de Cereaes** — Soares Pinto & C.ª, Limitada **Ceramica** - Peixoto, Ribeiro & C.ª

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—**Estação**, «Canastreiro»—**Rua de St.ª Anna**, «Central»—**Rua da Praça**, «Cerveira»—**Furadouro**, «Jeronymo»—**Largo do Chafariz**, «Nunes Lopes»—**Rua dos Campos.**

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, **João Costa** — Praça, **José Garrido** - Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—**Ponte Nova**, Francisco de Mattos—**Praça**, José Gomes Ramillo — **Rua do Bajunco**, José Luiz da Silva Cerveira — **Praça**, José Maria de Pinho Valente—**Rua da Graça**, Manoel Valente d'Almeida—**Praça**, Pinho & Irmão—**Praça**, Viuva de José de Mattos—**Poça**. Viuva Salvador—**Largo do Chafariz**, Tarujo & Laranjeira—**Rua da Graça.**

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—**Rua das Figueiras.**

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 5 DE NOVEMBRO

	Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	2,45	3,33	5	5,40	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		3,40	4,31	5,39	6,41	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		—	4,46	—	6,58	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		—	4,52	—	7	—
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11		—	4,59	—	7,11	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,59	5,9	—	7,22	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	7,29	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	7,36	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		4,37	—	6,14	8,17	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	5,34	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	6,9	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	6,14	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	5,35	6,23	—	11,4
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	5,46	—	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	5,51	—	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	5,57	6,38	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	6,14	6,51	10,34	11,28
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	7,15	8,1	11,16	12,26